

Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Jornalismo

## **Emoção e estereótipos de gênero: os efeitos da notícia na opinião pública**

Yasmim Leite Neres Perna

Brasília, Junho de 2017



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Jornalismo  
Trabalho de conclusão de curso

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Wladimir Gramacho (Orientador)

---

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino

---

Mariana Marques

---

Prof. Dr. Ana Carolina Kalume (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer a Deus que sempre me iluminou e concede graças na minha vida a todo o momento. Estou certa que devo a Ele todas as minhas realizações e sucessos.

Aqui registro meu sincero agradecimento ao meu orientador Wladimir por ter me inspirado a fazer pesquisa. Obrigada pelos desafios, pelos conselhos e pela paciência. Obrigada por ter dividido um pouco do conhecimento e por ter me guiado até aqui com tanta atenção e cuidado.

A minha mãe, Lucimara, minha maior incentivadora. Obrigada pelo exemplo de força e determinação. Obrigada pela compreensão e carinho. Ao meu pai, Carlos Eduardo, pelo bom humor, torcida e otimismo.

Às minhas irmãs e melhores amigas, Ingrid e Isabela, que me conhecem como ninguém. Obrigada pela amizade, parceria e pelo apoio.

Agradeço de forma especial o Felipe Manara por sempre estar ao meu lado e pela assistência 24h. Obrigada pela ajuda técnica no projeto, pela disponibilidade e pelo companheirismo do início ao fim.

Aos meus amigos, obrigada pela confiança, pela torcida e pelo interesse em participar e conhecer esta pesquisa, me ajudando a fazer essa projeto acontecer.

Agradeço aos demais professores da Faculdade de Comunicação que participaram de alguma forma do meu desenvolvimento e aprendizagem na universidade.

A todos aqueles que participaram da pesquisa e tornaram esse projeto possível.

Aos colegas jornalistas que também me inspiram diariamente a acreditar no impacto positivo que essa profissão pode ter na vida de milhares de pessoas.

## RESUMO

Esta monografia descreve os resultados de um experimento que buscou investigar se a emotividade pode ser usada como fator a reforçar os estereótipos de gênero e preconceitos no cenário político. Buscou identificar especificamente se a expressão de um comportamento emotivo, em dois diferentes graus, pode prejudicar uma senadora que tenta a presidência da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), principal comissão do Senado Federal. Também foi objetivo da pesquisa investigar se homens e mulheres seriam penalizados igualmente ao apresentar um comportamento de descontrole pela narrativa jornalística. A pesquisa teve 340 participantes que foram aleatoriamente divididos entre seis grupos com tratamentos diferentes. A maior parte dos respondentes integra um público considerado universitário, com idade de 16 a 23 anos e com escolaridade de até ensino superior incompleto. Os resultados mostram que ao contrário do que, se esperava, uma senadora emotiva foi melhor avaliada pelo público para assumir a presidência da CCJ, do que uma senadora controlada – sem expressão de emoção. O homem que apresentou comportamento de descontrole emocional foi o mais castigado pela percepção pública. Foi mais penalizada do que a mulher emotiva ou descontrolada, sendo rejeitado por 80% dos respondentes. Conclui-se que diferente do que a Teoria Descritiva do Viés dos Estereótipos defende, a demonstração de comportamento emotivo não parece penalizar mais mulheres do que homens no cenário político.

**Palavras-chaves:** gênero, emoções, estereótipos

## **ABSTRACT**

This project describes the results of an experiment that aimed to investigate if emotion can be used as a factor to reinforce gender stereotypes and prejudices in politics. It aimed specifically to identify if the expression of an emotional behavior in two different degrees could harm a female Senator chasing the chair of the Commission of Constitution and Justice (CCJ), the main commission of the Brazilian Senate. The research also aimed to investigate if men and women would be equally penalized when presenting a behavior of lack of control. The survey had 340 complete responses that were randomly applied to the control group. The results show that against expectations, a female Senator with emotional behavior was better judged to assume the chair of CCJ, compared to a controlled female Senator – without emotion. The male Senator who presented emotional behavior of descontrol was the one most punished by the public perception. It was more penalized than the emotional or uncontrolled female Senator, being rejected by 80% of the respondents. It is concluded that, unlike the Descriptive Theory of Stereotypes, the demonstration of emotional behavior doesn't penalize more women than men in politics.

**Keywords:** gender, emotion, stereotypes

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**Gráfico 1:** Médias dos grupos para a escala Racional (vs. Emocional) ..... 30

**Gráfico 2:** Médias dos grupos para a escala Preparado (vs. Despreparado) ..... 31

**Gráfico 3:** Médias dos grupos para a escala Confiável (vs. Não - Confiável) ..... 32

**Gráfico 4:** Médias dos grupos para a escala Equilibrado (vs. Desequilibrado) ..... 33

**Gráfico 5:** Porcentagens de aprovação para a presidência da CCJ ..... 36

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação ao gênero .....	22
<b>Tabela 2:</b> Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a ideologia.....	23
<b>Tabela 3:</b> Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a idade.....	23
<b>Tabela 4:</b> Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a escolaridade .....	24
<b>Tabela 5:</b> Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a interesse em Política .....	25
<b>Tabela 6:</b> Resultados da ANOVA para os atributos de personalidade .....	27
<b>Tabela 7:</b> Resultados da ANOVA para reformas do Senado.....	28
<b>Tabela 8:</b> Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Racional/ Emotivo” .....	30
<b>Tabela 9:</b> Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Preparado/Despreparado” .....	31
<b>Tabela 10:</b> Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Confiável/ Não Confiável” .....	32
<b>Tabela 11:</b> Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Equilibrado/ Desequilibrado” .....	33
<b>Tabela 12:</b> Teste Tukey com comparativo das médias dos tratamentos para Reforma da Previdência .....	34
<b>Tabela 13:</b> Teste Tukey com comparativo médias dos tratamentos para Reforma Tributária .....	35
<b>Tabela 14:</b> Teste Tukey com comparativo médias dos tratamentos para Reforma Política .....	35
<b>Tabela 15:</b> Teste Tukey com comparativo médias dos tratamentos para Reforma Trabalhista .....	36
<b>Tabela 16:</b> Teste qui quadrado e médias dos tratamentos para a aprovação do(a) senador(a) para a CCJ .....	37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>12</b>
2.1 REVISÃO TEÓRICA .....	12
2.2 OBJETIVO DA PESQUISA E DEFINIÇÃO DE HIPÓTESES.....	17
2.3 METODOLOGIA.....	18
2.4 VARIÁVEIS DE PESQUISA .....	25
2.5 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	26
<b>3. CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>4. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>44</b>
<b>5. APÊNDICES .....</b>	<b>46</b>
5.1 Questionário .....	46
5.2 Tabela com média dos tratamentos para os atributos de personalidade analisados .	50
5.3 Tabelas com média dos tratamentos para as reformas do Senado.....	51



## 1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

De 2011 a 2016, o Brasil esteve sob liderança da primeira presidente mulher eleita da história do país. Dilma Rousseff foi ponto central de atenção da imprensa e da sociedade que acompanhou de perto seu governo até sua saída com o processo de impeachment em 12 de maio de 2016. É certo que em alguns momentos não foi sua atuação política que foi destaque dos jornais e revistas. Ter uma liderança feminina abriu espaço para o imaginário e curiosidade dos brasileiros, que trouxe para agenda social, por exemplo, especulações sobre sua dieta, vestimenta e vida privada. Como mostra a matéria do portal *GI*, de fevereiro de 2015, “Dilma diz que emagreceu porque fechou a boca e fez ginástica” (MATOSO, 2015)<sup>1</sup>. A mesma matéria também afirma que a ex-presidente começou dieta com objetivo de emagrecer para a posse do segundo mandato e cita a repercussão do “visual da petista durante solenidade no Planalto”. Outra matéria do portal *Estadão* do mesmo ano divulgou o método usado pela ex-presidente para a perda de peso, “Dieta Ravenna: conheça o método que fez Dilma emagrecer 13 kg” (ROMANI, 2015)<sup>2</sup>.

Candidata à presidência americana em 2016, Hillary Clinton, também vivenciou durante sua carreira política episódios que foram interpretados depois como sexistas. Durante um debate eleitoral, em 2008, na Carolina do Sul, os candidatos foram perguntados sobre pontos positivos e negativos dos demais concorrentes. Sobre Hillary Clinton, John Edwards disse: “Eu admiro o que a senadora Clinton fez pela América, o que seu marido fez pela América... mas não estou seguro quanto à escolha deste casaco” (TRUCOTTE & PAUL, 2015). O incidente foi criticado pela imprensa americana posteriormente e lança luz sobre alguns questionamentos: Seria esta uma forma de sub-representar mulheres? De diminuir sua participação? Como a mulher política aparece na mídia? E como são percebidos pelo público? Estas foram perguntas que nortearam as reflexões iniciais para esta pesquisa.

Em entrevista dada após a conclusão do processo de impeachment, Dilma declarou perceber um estranhamento em ter uma mulher no comando do país, não só por parte da mídia

“Estar sob a liderança de uma mulher, receber comando de uma mulher, ser dirigido por uma mulher ainda é uma novidade que incomoda e perturba a

---

<sup>1</sup> Reportagem disponível em: <https://goo.gl/6f42ez>

<sup>2</sup> Reportagem disponível em: <https://goo.gl/g1mv55>

ordem supostamente natural da sociedade em nossos países. No caso do Brasil, o estranhamento é ainda maior, pois eu fui a primeira a ocupar este cargo” (NINJA, 2016)

Este estranhamento é causado pela percepção de que ainda existem papéis sociais diferentes a serem ocupados para homens e mulheres. Brooks (2011) se vale de autores da Psicologia social para esclarecer que os estereótipos são relevantes no processo de categorização e análise dos indivíduos, sendo capazes de enviesar o processamento de informações e produzir julgamentos sociais (Allport, 1954, Hamilton, 1976, Tajfel, 1970, apud Brooks, 2011)

Em meio a um contexto de polarização das opiniões e julgamentos, durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, uma edição da revista *IstoÉ*, de abril de 2016 resgatou o debate sobre estereótipo, emocionalidade e gênero. A publicação que trazia o rosto de Dilma aparentemente gritando junto ao título “As explosões nervosas da presidente” (REVISTA ISTOÉ, 2016, n. 2417)<sup>3</sup>, também levantou debate sobre *gaslighting*, que significa distorcer informações para deslegitimar a imagem feminina, apresentando-a como histérica e descontrolada.

O termo surgiu da peça “Gas Light”, do dramaturgo inglês Patrick Hamilton, em 1938. Significa então um tipo de violência simbólica, onde historicamente as mulheres são as vítimas mais comuns. “As mulheres são tratadas como loucas, de modo a serem diminuídas na sua capacidade intelectual e nas suas potências ativas, éticas e políticas” (TIBURI, 2016).

O papel de gênero é entendido como o comportamento social provável e esperado de homens e mulheres. Os autores Huddy e Terkildsen (1993) endossam a crença de que um comportamento popularmente “masculino” é mais valorizado em uma campanha eleitoral e sugerem que talvez a emoção seja fator decisivo para a baixa participação de mulheres em cargos de alto nível, como no Executivo.

Inspirado por este contexto e estas questões apresentadas, a presente monografia investigou se a emotividade pode ser usada como fator a reforçar os estereótipos de gênero e preconceitos. Buscou identificar especificamente se a expressão de um comportamento emotivo pode prejudicar a mulher no cenário político e se lideranças femininas são penalizadas quando apresentam comportamento fora do esperado. Também foi objetivo

---

<sup>3</sup> Reportagem disponível em: <https://goo.gl/A9nc5U>

da pesquisa investigar se mulheres são percebidas como naturalmente mais emocionais e menos racionais que os homens, mesmo sem expressar comportamento emotivo. Por fim, se homens e mulheres seriam penalizados igualmente ao apresentar um comportamento de descontrole pela narrativa jornalística.

Esta monografia está dividida em seis seções. A primeira apresenta uma revisão teórica dos principais conceitos abordados no texto. A segunda descreve os objetivos da pesquisa e as hipóteses de trabalho. A terceira explica a metodologia do experimento. A quarta apresenta as variáveis de pesquisa e a quinta a análise de resultados. Finalmente, a última resume as principais conclusões da pesquisa, indica relevância do trabalho, implicações e questões para futuras pesquisas na área.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 REVISÃO TEÓRICA**

No campo da psicologia social Allport (1954) contraria a suposição de que estereótipos são distorções cognitivas próprias de pessoas preconceituosas, mas avançou para a ideia de que estereótipos e preconceitos são extensões de um processo normal e comum a todos, uma vez que todos estão inseridos em grupos e todos os grupos desenvolvem uma forma de viver com códigos, padrões e crenças característicos de acordo com suas próprias necessidades.

De acordo com Grossman e Wood (1993) a literatura e as culturas populares têm reforçado a ideia de estereótipo de gênero a partir da emocionalidade. Os autores argumentam que as diferenças na intensidade emocional expressadas por pessoas de sexo diferente decorrem do papel que homens e mulheres preenchem na sociedade. Podendo definir assim papel de gênero como o comportamento social provável e esperado de homens e mulheres. Esta expectativa de comportamento pode ser responsável pela atribuição geral de características específicas para ambos os sexos. A típica mulher é descrita normalmente como emocional, preocupada com seus sentimentos e emocionalmente instável. Ao contrário, o típico homem é tido como emocionalmente estável e estóico (GROSSMAN & WOOD, 1993). Existe um considerável acordo entre a maioria dos estudos de psicologia de que a típica mulher é vista como quente, gentil, doce, passiva, enquanto o típico homem é visto como duro, agressivo e assertivo (MCKEE & SHERIFFS, 1957, apud HUDDY & TERKILDSSEN, 1993).

O estudo realizado por Huddy e Terkildsen (1993) nos Estados Unidos, pediu para que os participantes avaliassem os candidatos políticos que concorriam a cargos federais e locais. Foi apresentada uma breve descrição dos candidatos, de ambos os gêneros, contendo traços de personalidades tipicamente masculinas e femininas. Os resultados mostraram que tanto homens quanto mulheres descritos de forma mais dura e ambiciosa eram vistos como mais agressivos, racionais e auto-confiantes, bem como os candidatos e candidatas descritos como compassivos e confiáveis foram vistos como mais sensitivos, emocionais e gentis, independentemente do gênero do candidato.

Sendo assim, pode-se inferir que a emotividade pode ser usada como fator a reforçar os estereótipos de gênero, e reforçar preconceitos sobre homens e mulheres. O estudo desenvolvido por Grossman e Wood (1993) teve resultados que dão suporte à interpretação das diferenças de gênero na expressão de emoções. Isso porque, por meio de auto-relatos de participantes, as mulheres reportaram emoções mais intensamente e com mais frequência do que homens, com exceção da raiva.

Conforme apontam Barrett e Bliss-Moreau (2009) é possível que as pessoas acreditem que as mulheres são o sexo mais emocional porque eles estão tratando este comportamento como evidência de uma “natureza” emocional, ou seja, como pertencente a personalidade. Enquanto o comportamento emocional dos homens é uma evidência de que a situação justifica tal comportamento. Neste estudo os participantes foram orientados a analisar o rosto de homens e mulheres e avaliar se estes eram emotivos ou estavam “tendo um dia ruim”. Mesmo quando eram dadas as informações aos participantes sobre as causas das expressões emocionais dos rostos marcados, os rostos femininos mais frequentemente eram retratados como emocionais, enquanto os homens eram julgados como "tendo um dia ruim".

### **Abordagens Psicológicas**

No estudo de Brooks (2011) que buscou investigar a presença de duplo padrão de avaliações de candidatos políticos em uma corrida eleitoral, a partir da expressão do choro e raiva, a pesquisadora julgou não haver base científica suficiente para avaliar se a expressão de emoção é especialmente perigosa para mulheres na política. Para sua pesquisa ela se valeu de duas teorias da psicologia que ela chamou de “teoria descritiva” e “teoria prescritiva” dos estereótipos.

A Teoria Descritiva prediz a mesma relação básica que a sabedoria convencional e o senso comum difundem: a ideia de que o choro por candidatas será atribuído a maior disposição da mulher para isso, porque faz parte da sua “natureza” em vez de atribuir a um fator externo. Confirma-se assim um estereótipo. Assim, desde que demonstrações de choro são mais comumente atribuídas às mulheres, as candidatas femininas que choram são vistas como mais fracas e mais emocionais do que os concorrentes do sexo oposto.

Em outra linha, a Teoria Prescritiva do estereótipo defende que as mulheres não são apenas tidas como mais emocionais e fracas do que o homem, mas para o público, o

homem não deve se tornar emocional e mostrar fraqueza. Segundo a autora, essa teoria também entendida como normativa, defende que há uma expectativa de comportamento esperado para as pessoas, e há penalização quando as pessoas falham na expressão desse comportamento. *"When men fail to be self-reliant, decisive and rational, or worse, manifest signs of being melodramatic, naive, and superstitious, they too are punished"* (Prentice & Carranza, 2003 apud Brooks, 2011, p. 599).

### **Estereótipo político de gênero**

A expectativa de um comportamento emocional relacionado aos papéis de gênero também pode ser observado no meio político, afetando campanhas de corridas eleitorais e influenciando eleitores. A crença de que as mulheres são mais propensas a comportamentos emotivos pode ajudar a explicar e até mesmo justificar porque as mulheres continuam a ser sub-representadas em posições de poder econômico e político que exijam “mão firme” (BARRETT & BLISS-MOREAU, 2009).

Huddy e Terkildsen (1993) corroboram a ideia de que um comportamento popularmente “masculino” é mais valorizado em uma campanha eleitoral e contribui para o argumento de que talvez a emoção seja fator decisivo para a baixa participação de mulheres em cargos de alto nível, como no Executivo. Segundo os autores, a noção de comportamento tipicamente masculinos e femininos levam candidatos e candidatas a adotarem traços do gênero oposto como estratégia de campanha, para se apresentar de forma mais equilibrada.

*"Female candidates who have run recently for highly visible state or national elected office have waged increasingly combative campaigns in which they have stressed their toughness and aggressiveness, typically masculine qualities. At the same time, their male counterparts have clamored to appear sympathetic, kind and accessible, typically feminine traits. Apparently, both male and female political candidates feel compelled to adopt at least some positions or traits thought typical of the other gender"* (HUDDY & TERKILDTSEN, 1993, p 120)

No entanto, Huddy e Terkildsen (1993) argumentam que do ponto de vista das campanhas políticas, o gênero dos candidatos é politicamente relevante, mas não necessariamente precursor de um sucesso ou uma derrota eleitoral.

Na mesma linha, Trucotte e Paul (2015) argumentam que estudos anteriores mostraram que os estereótipos de gênero podem variar de acordo com o nível dos cargos.

O Legislativo é percebido como mais feminino porque políticas são promulgadas a partir de um trabalho colaborativo. Enquanto cargos do Executivo, assim como de governador, são vistos como mais masculinos, porque são ocupados por uma única pessoa. Novamente, a expectativa aqui é que homens são mais decididos, independentes e melhores tomadores de decisões (MEEKS, 2013 apud TRUCOTTE & PAUL, 2015).

Também por acreditarem que existe um comportamento tipicamente masculino e feminino, que muitos eleitores criam expectativa quanto aos assuntos que homens e mulheres terão mais sucesso e afinidade para lidar em um cargo político. Este ponto é a prova mais consistente de estereótipos políticos de gênero (HUDDY & TERKILDSEN, 1993). Estes autores sugerem que as suposições do eleitor sobre os traços de personalidade ligados ao sexo dos candidatos impulsionam as expectativas de que homens e mulheres têm expertises em diferentes áreas. Sendo assim, mulheres podem ser entendidas como mais liberais, democráticas e mais aptas a lidarem com áreas sociais, como educação, saúde, infância e direitos humanos, enquanto homens são melhores classificados para lidar com assuntos ligados a economia, exército, defesa nacional e política externa.

O estudo de Eckel e Grossman (1998) evidenciou que a mulher é mais orientada socialmente (*“socially-orientated”*), portanto mais altruísta do que o homem, que por ser mais individualista (*“individually-orientated”*) tende a ser mais egoísta. Os resultados do estudo mostraram que mulheres são mais generosas e doam mais do que os homens.

Em um segundo estudo realizado por Huddy e Terkildsen (1993) os participantes foram orientados a avaliar a capacidade de um(a) candidato(a) lidar com diferentes questões políticas, sendo elas questões militares e policiais, econômicas, questões femininas e questões compassivas (pobreza, infância e velhice). Tanto a candidata mulher quanto o homem foram melhor avaliados para lidar com assuntos militares e policiais quando foram descritos como duros e ambiciosos. Da mesma forma, ambos os candidatos descritos com traços femininos eram avaliados como mais aptos para lidar com pobreza, infância e velhice, do que os candidatos descritos com traços masculinos. Tanto este estudo, como o primeiro apresentado aqui mostram que estereótipos de gênero afetam a avaliação de eleitores, e que o mesmo indivíduo pode ser avaliado de formas diferentes por causa do seu sexo.

Sobre a participação de mulheres em cargos de liderança, Brooks (2013) refuta a ideia de que o público faça suposições menos favoráveis sobre as candidatas, e diz não acreditar que o público tenha regras mais desafiadoras para o comportamento das mulheres durante a campanha. Ela afirma que embora haja consenso entre acadêmicos sobre a adesão de estereótipos de gênero na avaliação de candidatos políticos, ela não considera essas implicações esclarecidas. Para a autora a participação da mulher na política é extremamente importante, pois mulheres com poder político capacitam outras mulheres de forma simbólica, apenas por preencher o cargo. A participação e o interesse político entre as mulheres aumentam significativamente quando representadas por outras mulheres.

### **Papel do Jornalismo**

A influência de gêneros em campanhas eleitorais também pode atingir os jornalistas que cobrem campanhas que envolvem candidatas mulheres. Trucotte e Paul (2015) testaram nos Estados Unidos a influência de candidatas, jornalistas e eleitoras mulheres sobre a agenda de discussão de debates presidenciais, e perceberam que a participação de mulheres candidatas e mulheres jornalistas não resulta em uma agenda mais focada em questões femininas, mas que jornalistas mulheres tratam mais frequentemente de questões femininas do que jornalistas homens.

Sobre a cobertura da mídia, Brooks (2011) sugere que os jornalistas têm papel crucial na propagação de ideias e até perpetuação do senso comum a respeito de comportamentos emotivos em eleições. Seu estudo não encontrou evidências que sustentem a teoria de que mulheres estão em desvantagem ao mostrar raiva ou choro, mas o choro eleva a percepção de emotividade. A autora destaca que essa percepção pode ter sido verdadeira em outro momento e pode atingir o homem e a mulher comum, mas que o político está imune em função de seu status social. Assim, ela sugere que é possível que o senso comum se aplique à jornalistas ao invés do grande público, e que repórteres talvez escrevam histórias sobre o comportamento emotivo de uma candidata mulher, que não seria notável ou digno de informação para candidatos homens.



## 2.2 OBJETIVO DA PESQUISA E DEFINIÇÃO DE HIPÓTESES

Esta pesquisa tem como objetivo descrever a percepção do público sobre comportamentos emocionais e estereótipos de gênero por meio de uma notícia. Em outras palavras, procura-se esclarecer se a referência a diferentes estados emocionais em uma notícia pode resultar em diferentes avaliações de mulheres e homens no âmbito político. O estudo não pretende fazer uma análise do desempenho da imprensa, tampouco esgotar assuntos relacionados a estudos de estereótipos, mas explorar se a narrativa cotidiana da imprensa brasileira presente em uma notícia contribui para reforçar estereótipos e influenciar na avaliação de lideranças políticas do público em geral.

Especificamente, a pesquisa quer elucidar se o uso de estereótipos de gênero e se comportamentos emocionais no meio político afetam a avaliação de lideranças femininas e masculinas, penalizando um gênero mais que outro.

As hipóteses a serem testadas pela pesquisa:

*H1: Mulheres são percebidas como naturalmente mais emocionais que os homens, mesmo sem expressar comportamento emotivo.*

O estudo quer identificar se as mulheres ainda são atreladas à crença de que são mais emocionais por natureza. Se mesmo quando não há caracterização de comportamento emocionado, a senadora é percebida como menos racional e mais emotiva que o senador.

*H2: Mulheres são mais penalizadas do que homens ao demonstrar comportamento emocional na conduta política, sendo avaliadas como menos confiáveis, preparadas e equilibradas.*

Expressões de emoções por parte de lideranças femininas e masculinas podem gerar diferentes avaliações do público, a partir da representação em uma notícia. É possível que existam diferentes expectativas para ambos os sexos e, portanto, também é possível que as pessoas acreditem que as mulheres são o sexo mais emocional, ou seja, reforçando um estereótipos de gênero. Uma notícia, por exemplo, em que um senador ou senadora é caracterizado (a) como emocional e chora durante um discurso, pode reforçar um estereótipo de franqueza. Baseado nisso, espera-se descobrir se os participantes

julgarão que mulheres na políticas devem ser avaliadas com menor preparo e confiança do que políticos homens se apresentarem um comportamento emotivo.

*H3: Mulheres também são mais penalizadas do que homens ao apresentar comportamento desequilibrado emocionalmente.*

Espera-se a partir da variação do grau de emocionalidade descobrir se a notícia que relata um quadro de descontrole emocional da mulher gera maior penalização pela opinião pública do que ao homem que também apresente quadro de descontrole. Sendo que um político caracterizado como descontrolado em uma notícia é aquele ou aquela que grita, que tem acessos de raiva.

### **2.3 METODOLOGIA**

O experimento realizado foi baseado na pesquisa de Marques (2016) que buscou investigar o papel dos estereótipos de gênero relacionados à emotividade de homens e mulheres no contexto político-eleitoral brasileiro. O estudo da autora focou na expressão das emoções de choro e raiva e foi embasado, por sua vez, no trabalho de Brooks (2011). Reproduzindo a metodologia no Brasil, a pesquisa de Marques (2016) também consistiu na elaboração de uma matéria de jornal para analisar estereótipos de gênero. No entanto, diferente desta monografia que manipulou as variáveis “gênero” e “emoção”, a referida autora procurou analisar o impacto dos estereótipos em um cenário eleitoral e utilizou dois diferentes tratamentos nos estímulos tratados, o choro e a raiva. A presente pesquisa não diferenciou essas duas expressões de emoção nos estímulos, mas as incorporou dentro dos textos, variando apenas o grau de emoção, chegando ao descontrole emocional.

Para este teste, três matérias hipotéticas e iguais foram desenvolvidas, sendo que a única diferença entre os textos foi o gênero do(a) congressista, também hipotético, e a inserção de trechos e expressões que alteraram o grau de emotividade manifestada pelo(a) senador(a). Os textos receberam três diferentes tratamentos denominados “controle”, “emocional” e “descontrole”. Ao todo, foram elaborados seis tratamentos para o experimento. Cada participante foi aleatoriamente sorteado a um dos tratamentos e, portanto, leu apenas um texto.

As três versões dos textos jornalísticos anunciavam a intenção do(a) senador(a) de se candidatar à presidência da principal comissão do Senado, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). A narrativa da matéria trazia um episódio em que o(a) senador(a) discursa em plenário e outros detalhes, como uma descrição breve da trajetória do(a) congressista. A íntegra das reportagens pode ser vista no apêndice.

Abaixo estão as três reportagens na íntegra, com as diferenças entre os tratamentos grifadas. A reportagem do candidato à presidência da CCJ de sexo masculino é igual, muda apenas o nome do candidato – Paulo Albuquerque – e as flexões de gênero.

### **Senadora quer presidir comissão que vai analisar reformas**

A senadora Paula Albuquerque acaba de se lançar candidata à presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). A comissão é uma das mais importantes do Senado e vai analisar as reformas da Previdência, trabalhista e tributária.

No plenário, Paula Albuquerque oficializou sua candidatura e disse ter *"foco para contribuir com os desafios que o país enfrenta atualmente"*.

Abordada pela imprensa, a senadora disse que vai procurar pessoalmente todos os senadores para explicar as bases de sua candidatura e tentar promover um diálogo que faça o país avançar.

Parlamentares de diferentes partidos acreditam que ela será um forte candidata, pois procura manter diálogo com senadores de todas as legendas e já ocupou cargos de vereadora, deputada estadual e deputada federal. Além disso, é conhecida por sua capacidade de negociação.

**Figura 1:** reportagem do grupo controle

### Senadora **se emociona** ao anunciar candidatura à presidência de comissão que vai analisar reformas

A senadora Paula Albuquerque **se emocionou** ao lançar-se candidata à presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). A comissão é uma das mais importantes do Senado e vai analisar as reformas da Previdência, trabalhista e tributária.

No plenário, Paula Albuquerque oficializou sua candidatura e disse, **em lágrimas**: *"lutei toda a minha vida, enfrentei e venci um câncer e agora me sinto muito mais forte para contribuir com os desafios que o país enfrenta atualmente"*.

Abordada pela imprensa, a senadora disse que vai procurar pessoalmente todos os senadores para explicar as bases de sua candidatura e tentar promover um diálogo que faça o país avançar.

Parlamentares de diferentes partidos acreditam que ela será uma forte candidata, pois procura manter diálogo com senadores de todas as legendas e já ocupou cargos de vereadora, deputada estadual e deputada federal. Além disso, é conhecida por sua capacidade de negociação.

#### **Figura 2:** reportagem do grupo teste “emocional”

### Senadora **se descontrola** ao anunciar candidatura à presidência de comissão que vai analisar reformas

A senadora Paula Albuquerque **se descontrolou** ao lançar-se candidata à presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). A comissão é uma das mais importantes do Senado e vai analisar as reformas da Previdência, trabalhista e tributária.

No plenário, Paula Albuquerque oficializou sua candidatura e **disse, gritando**: *"enfrentei a raiva e o ódio de alguns poucos senadores, mas continuo preparada para a luta e agora me sinto muito mais forte para contribuir com os desafios que o país enfrenta atualmente"*.

Abordada pela imprensa, a senadora disse que vai procurar pessoalmente todos os senadores para explicar as bases de sua candidatura e tentar promover um diálogo que faça o país avançar.

Parlamentares de diferentes partidos acreditam que ela será uma forte candidata, pois procura manter diálogo com senadores de todas as legendas e já ocupou cargos de vereadora, deputada estadual e deputada federal. Além disso, é conhecida por sua capacidade de negociação.

**Figura 3:** reportagem do grupo teste “descontrole”.

É sabido que episódios de descontrole emocional não ocorrem diariamente no cotidiano político nem costumam estampar jornais e revistas com frequência, mas irá auxiliar no entendimento se de fato mulheres são vistas como emocionalmente mais instáveis e de que forma a instabilidade e a expressão intensa de emoção pode ser interpretada pelo público dentro do cenário político, que preza pela compostura e racionalidade.

Após a leitura da matéria, os participantes responderam a algumas perguntas. A primeira bateria de perguntas buscava saber como o(a) senador(a) foi percebido (a) pelo respondente. Assim, em uma escala de 1 a 7, os participantes assinalavam se enxergava o congressista como emotivo (vs. racional), equilibrado (vs. desequilibrado), preparado (vs. despreparado) e confiável (vs. não confiável). Estas perguntas foram importantes para avaliar a relação dos estereótipos de gênero com a expressão de comportamentos emotivos.

Baseada nas impressões do(a) senador(a) os participantes também deveriam assinalar se acreditavam que estes poderiam contribuir da melhor forma possível ou da pior forma possível para as reformas em negociação no Senado (Reforma Trabalhista, Previdenciária, Tributária e Política).

Sobre os respondentes, foi perguntado sexo, idade, escolaridade e se é residente de capital ou interior. Também foi pedido que os participantes se posicionassem em uma escala ideológica e numerassem o nível de interesse por política. O questionário também pode ser visto no apêndice.

A pesquisa experimental foi realizada pela internet, com uma estratégia de amostragem conhecida como *snowball sampling*, também utilizada por Marques (2016). Bem como o uso de redes sociais, como Facebook e WhatsApp, e o software Survey Monkey para aplicação do questionário.

Para auxiliar a designação dos participantes de forma aleatória, um domínio gratuito foi criado e serviu para distribuir os respondentes nos grupos tratados e controle. Assim, a cada participante foi designado a um dos seis tratamentos diferentes, com igual probabilidade de ser exposto a cada um deles.

O “*snowball sampling*” é um tipo de amostragem por cadeia de referência, que permite que o pesquisador inicie a pesquisa com uma pequena amostra da população alvo e gradualmente a amostra se expande conforme os próprios respondentes indiquem outros indivíduos para o estudo (MARQUES, 2016).

Uma limitação da amostragem por cadeia de referência é a possibilidade de viés nas respostas, uma vez que os indivíduos de uma mesma rede de contatos tendem a ter características semelhantes, além de deixar fora do processo indivíduos mais “isolados”. (Biernacki & Waldorf, 1981 *apud* Marques, 2016).

O método foi aplicado via redes sociais que possibilitou a expansão da pesquisa e o compartilhamento do link sem custos financeiros. Dessa forma, foi solicitado para cada respondente a indicação de pelo menos uma pessoa a mais para responder o questionário. Essa solicitação foi feita via rede social, e-mail e o próprio questionário destinou um espaço final para indicação espontânea de nomes e contatos. Assim, pessoas conectadas aos respondentes iniciais eram convidadas a participar da pesquisa e recebiam o mesmo link e mesmas orientações, dando continuidade à cadeia de indicação.

A coleta de dados durou dos dias 4 a 21 de maio de 2017. Ao todo, 417 pessoas iniciaram o processo de participação da pesquisa. Destas, 340 responderam o questionário por completo. Na distribuição entre os grupos, 97 respondentes foram designados ao grupo controle, 131 ao grupo emocional e 114 ao grupo descontrole. Entre os participantes 137 são do gênero feminino e 203 do gênero masculino. A distribuição dos participantes em relação ao gênero nos tratamentos está na Tabela 1.

*Tabela 1: Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação ao gênero*

<b>Tratamento</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Homem controlado	22	24
Mulher controlada	19	31
Homem emocionado	32	29
Mulher emocionada	25	45
Homem descontrolado	19	41
Mulher descontrolada	20	32
<b>Total</b>	<b>137</b>	<b>203</b>
<b>Valor-p</b>	<b>.181</b>	<b>.181</b>

A maior parte dos participantes se auto posicionou como de esquerda na escala de ideologia (151), seguido pelos que se classificam como centro (102) e de direita (87). Essa distribuição entre os tratamentos está na tabela 2. O posicionamento esquerda descreve uma posição conhecida historicamente por apoiar igualdade de direitos sociais e hoje inclui diversos movimentos políticos, mas já foi atribuído aos movimentos sociais conhecidos como comunismo e socialismo.

*Tabela 2: Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a ideologia*

<b>Tratamento</b>	<b>Esquerda</b>	<b>Centro</b>	<b>Direita</b>
Homem controlado	15	10	21
Mulher controlada	24	16	11
Homem emocionado	27	21	13
Mulher emocionada	32	22	16
Homem descontrolado	30	16	14
Mulher descontrolada	23	17	12
<b>Total</b>	<b>151</b>	<b>102</b>	<b>87</b>
<b>Valor-p</b>	<b>.266</b>	<b>.266</b>	<b>.266</b>

Sobre a idade dos respondentes, a maior parte é jovem e tem entre 16 e 23 anos (138), seguido pelos respondentes com idade entre 33-70 anos (106) e com idade entre 24 e 32 anos (96). Essa distribuição pode ser vista na tabela 3.

*Tabela 3: Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a idade*

<b>Tratamento</b>	<b>16-23</b>	<b>24-32</b>	<b>33-70</b>
Homem controlado	15	15	16
Mulher controlada	21	17	13
Homem emocionado	23	17	21
Mulher emocionada	26	21	23
Homem descontrolado	29	15	16
Mulher descontrolada	24	11	17
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>96</b>	<b>106</b>
<b>Valor-p</b>	<b>.834</b>	<b>.834</b>	<b>.834</b>

Participaram da pesquisa em maior quantidade pessoas com até ensino superior incompleto (140), em seguida o grupo de respondentes com ensino superior completo (102) e com pós-graduação ou mais (98).

Analisando em conjunto a variável gênero e escolaridade percebeu-se que a maior parte dos participantes da pesquisa é considerado um público universitário, ou seja, de até 23 anos e com ensino superior incompleto

*Tabela 4: Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a escolaridade*

<b>Tratamento</b>	<b>Até ensino superior incompleto</b>	<b>Ensino superior completo</b>	<b>Pós-graduação ou mais</b>
Homem controlado	14	18	14
Mulher controlada	23	8	20
Homem emocionado	28	17	16
Mulher emocionada	26	27	17
Homem descontrolado	32	13	15
Mulher descontrolada	17	19	16
<b>Total:</b>	<b>140</b>	<b>102</b>	<b>98</b>
<b>Valor-p</b>	<b>.079</b>	<b>.079</b>	<b>.079</b>

Em relação ao interesse em política, a maioria dos respondentes disseram ter interesse moderado (185), seguidos pelos que responderam ter muito interesse (122) e pouco interesse (33).



Tabela 5: Distribuição dos respondentes pelos grupos tratados em relação a interesse em Política

<b>Tratamento</b>	<b>Muito interesse (1-2)</b>	<b>Moderado Interesse (3 - 4 -5)</b>	<b>Pouco Interesse (6 -7)</b>
Homem controlado	17	26	3
Mulher controlada	20	29	2
Homem emocionado	18	37	6
Mulher emocionada	28	32	10
Homem descontrolado	20	33	7
Mulher descontrolada	19	28	5
<b>Total:</b>	<b>122</b>	<b>185</b>	<b>33</b>
<b>Valor-p</b>	<b>.743</b>	<b>.743</b>	<b>.743</b>

O questionário incluía uma questão que pedia para os respondentes assinalarem se percebiam no(a) senador(a) perfil para assumir a liderança de outras comissões relacionadas a Assuntos Econômicos, Assuntos Sociais, ambas ou nenhuma. No entanto, a questão não cumpriu seu objetivo pois teve poucas respostas. Apenas 140 pessoas responderam e outros 200 participantes marcaram a opção “não sei dizer”, o que comprometeu análise posterior. A questão objetivava responder se existe uma expectativa sobre competência de homens e mulheres para determinados assuntos. É correto afirmar que a variação apenas do gênero e da expressão de comportamento emotivo não foram suficientes para tais conclusões, pois em *feedbacks* posteriores os participantes julgaram não ter informações suficientes sobre o(a) candidato(a) para fazer tal avaliação.

Um primeiro teste foi realizado a fim de verificar se o experimento funcionava na prática e se havia relação entre as variáveis estudadas. Participaram deste pré-teste 66 pessoas que possibilitaram melhorias na coleta de dados. Algumas mudanças foram adotadas no questionário após o pré-teste, como por exemplo inverter polos negativos e positivos nas escalas que avaliaram os atributos de personalidade para evitar respostas automáticas, na prática conhecida como “Efeito Halo”.

## 2.4 VARIÁVEIS DE PESQUISA

As variáveis independentes que foram manipuladas são as relacionadas ao tratamento dado aos grupos: “controle”, “emocionado” e “descontrole”.

Foram ainda inseridas variáveis relacionadas à percepção de quão bom seria o trabalho do político para contribuir com as reformas da previdência, reforma trabalhista, reforma política e reforma tributária. Essas variáveis foram mensuradas em uma escala de 1 a 7 e quanto mais próximo de 1, maior a percepção de que o senador e a senadora poderiam contribuir da melhor forma possível.

Outras 4 variáveis foram estudadas para medir as características do(a) senador (a) percebidas pelos respondentes: “racional x emotivo”, “despreparado x preparado”, “confiável x não confiável” e “desequilibrado x equilibrado”. Essas também foram medidas em uma escala de 1 a 7, sendo um extremo a característica tida como extremamente negativa e outro extremo a característica vista como extremamente positiva. As escalas que mediram preparo e equilíbrio tiveram o polo invertido em relação às outras duas características para evitar o Efeito Halo, ou respostas automatizadas pela sequência. A escala de posição ideológica e a de interesse em política também foram respondidas dentro de uma escala de 1 a 7.

A variável “presidência para CCJ” foi analisada na questão que pergunta se o (a) senador (a) deveria se tornar presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) dentro do Senado.

## **2.5 ANÁLISE DE RESULTADOS**

A primeira análise para validação interna do experimento foi o balanceamento dos seis grupos. Os testes realizados mostram que os grupos estão balanceados (tem  $p$  valor  $> 0,05$  em testes  $t$  e qui quadrado) quanto a gênero, escolaridade, ideologia, faixa etária e interesse em política. Para a variável grau de escolaridade, vale notar que apenas o grupo “mulher controle” teve menos participantes com ensino superior completo do que o ideal. Na variável de ideologia, os grupos também estão balanceados, apesar da maior presença de pessoas de direita no grupo “homem descontrolado” (resíduo estandarizado de 2,7). Nas variáveis interesse por política e faixa etária não houve nenhum resíduo preocupante entre os grupos. As tabelas completas com os testes de balanceamento estão no apêndice.

Os resultados alcançados nesta pesquisa foram analisados pelo método de Análise de Variância (ANOVA), comum à metodologia experimental e que permite a observação de dados a partir do que pode ser atribuído ao tratamento dado, ou seja, à variação e ao

que deve ser uma causa desconhecida, ou resíduo. Assim, é feita diferença de média dos grupos testes e controles a fim de encontrar variação estatisticamente significativa que possa indicar que esta diferença de média decorre dos diferentes tratamentos aplicados.

*Tabela 6: Resultados da ANOVA para os atributos de personalidade*

		<b>Soma dos Quadrados</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Quadrado Médio</b>	<b>F</b>	<b>Valor-p.</b>
Racional vs. Emotivo	Entre grupos	167.841	5	33.568	14.590	.000
	Dentro do grupo	768.465	334	2.301		
	Total	936.306	339			
Preparado vs. Despreparado	Entre grupos	102.797	5	20.559	7.456	.000
	Dentro do grupo	921.015	334	2.758		
	Total	1023.812	339			
Confiável vs. Não confiável	Entre grupos	90.829	5	18.166	6.777	.000
	Dentro do grupo	895.344	334	2.681		
	Total	986.174	339			
Equilibrado vs. Desequilibrado	Entre grupos	130.500	5	26.100	10.308	.000
	Dentro do grupo	845.673	334	2.532		
	Total	976.174	339			

As tabelas 6 e 7 apresentam os resultados da análise ANOVA, ou de significância dos efeitos principais de tratamento. Um valor  $-p$  significante para o teste-F indica que o tratamento (controle, emocional e descontrole) afeta de forma significativa as respostas dos respondentes de cada grupo para os atributos de personalidade. Também afeta de forma diferenciada as respostas dos participantes sobre as expectativas de contribuição para as reformas no Senado, como mostra a tabela 12.

Tabela 7: Resultados da ANOVA para reformas do Senado

		Soma dos Quadrados	Desvio padrão	Quadrado Médio	F	Valor-p.
Reforma Previdência	Entre grupos	55.167	5	11.033	4.339	.001
	Dentro do grupo	849.336	334	2.543		
	Total	904.503	339			
Reforma Tributária	Entre grupos	56.601	5	11.320	4.738	.000
	Dentro do grupo	797.926	334	2.389		
	Total	854.526	339			
Reforma Política	Entre grupos	55.259	5	11.052	3.609	.003
	Dentro do grupo	1022.741	334	3.062		
	Total	1078.000	339			
Reforma Trabalhista	Entre grupos	34.757	5	6.951	2.425	.035
	Dentro do grupo	957.346	334	2.866		
	Total	992.103	339			

A partir da análise é possível observar a diferença de médias entre os tratamentos e para cada uma das variáveis, as características como o congressista foi percebido e possibilidade de contribuição para as quatro reformas. A análise ANOVA mostrou que a diferença de médias é estatisticamente significativa, ou seja, em alguns tratamentos homens ou mulheres, em diferentes estados emocionais tiveram média melhor ou pior do que os outros, mostrando que há relação entre comportamento emocional e as demais variáveis.

Os testes de Subconjuntos Homogêneos revelam quando há diferença estatisticamente significativa das médias. Considerando o desvio padrão, as médias se dividem em conjuntos e para esta pesquisa era esperado que se formassem três conjuntos, sendo um para cada variação do grau de emoção. As médias de um mesmo conjunto não possuem diferença estatística relevante e justamente por estarem em um mesmo conjunto não dá para descartar a possibilidade de que essas médias (de um mesmo conjunto) possam ser iguais.

Foi percebido, no entanto, que os seis tratamentos se dividiram em apenas dois conjuntos nas escalas dos atributos de personalidade. Isso revela que a variação da notícia do grau “emoção” para o grau “descontrole emocional” não foi tão acentuada. Em linhas gerais, a variação foi pouco percebida pelo público ou os respondentes viram “emoção” e “descontrole” na mesma medida.

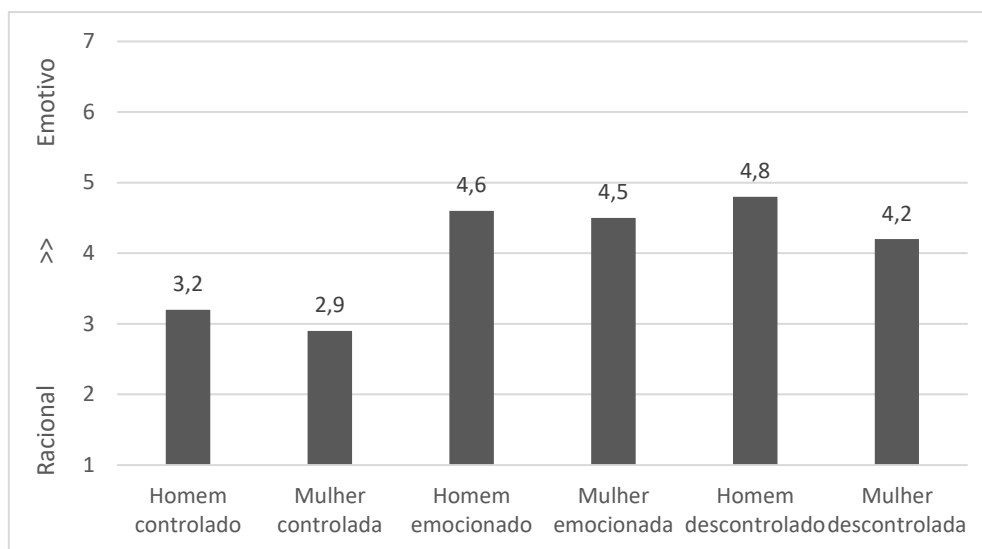
As próximas tabelas mostram os testes de Subconjuntos Homogêneos, ou Teste Tukey, conhecido como teste da diferença honestamente significativa. Neste teste foi feito uma diferenciação de médias para indicar se as diferenças encontradas são significativas ou não.

Em relação à percepção dos respondentes sobre o(a) senador(a), quatro atributos de personalidade foram analisados a partir da variação de comportamento emotivo descrito na notícia. Pode-se destacar que o homem descontrolado teve a maior média entre os 6 grupos, nas quatro escalas analisadas. O que significa que entre os tratamentos ele foi assinalado como mais emotivo (4,8), mais despreparado (4,7), mais não-confiável (4,8) e mais desequilibrado (5,1).

Para análise destas variáveis qualitativas, ou seja, das características atribuídas ao perfil do congressista, buscou-se observar como cada tratamento foi visto dentro das escalas. O “senador descontrolado” teve o resultado mais aproximado do 7 (polo negativo) em todas as escalas. Enquanto a “senadora controlada” foi a que teve a média mais aproximada de 1 (polo positivo) em todas as escalas. Importante destacar que as duas escalas que tiveram os polos invertidos no questionário foram ajustados posteriormente para a análise dos resultados. Dessa forma para todas as escalas o polo positivo é o 7 e o polo negativo o 1.

Diferente do esperado, o tratamento “mulher controle” foi visto como mais racional (média 2,9) que o homem controlado (média 3,2). Sendo que quanto mais próximo de 1, o (a) senador (a) foi considerado (a) mais racional e mais próximo de 7 mais emotivo. Ou seja, apenas a variação de gênero no tratamento que não teve expressão de emoção foi capaz de gerar mudança de percepção dos atributos de personalidade e nas possibilidades de contribuição para as reformas como será detalhado. Ainda que essa diferença estatística seja pouco relevante.

Gráfico 1 - Médias dos grupos para a escala Racional (vs. Emotivo)



**Fonte:** Elaborado pela autora com as médias dos grupos Controle, Teste Emocional e Teste Descontrole, para escala racional/emotivo.

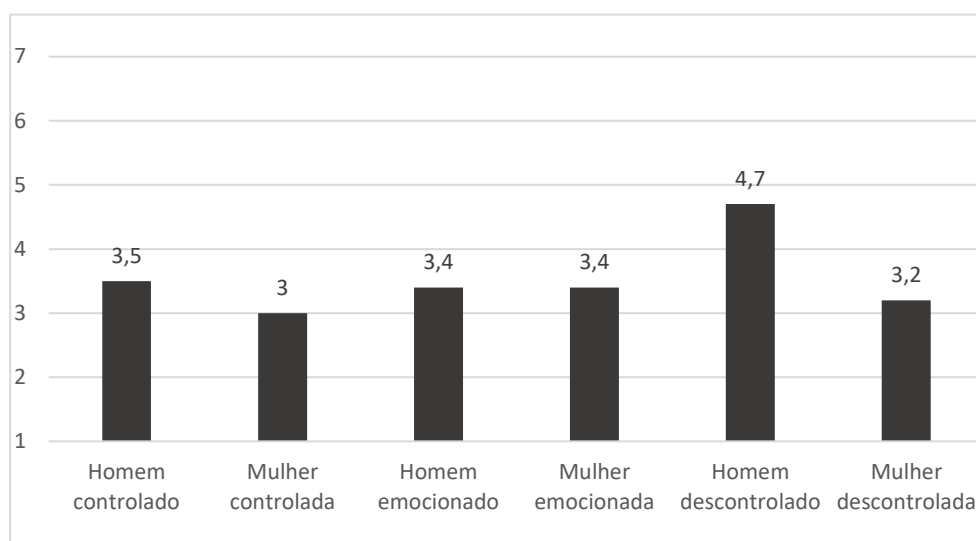
Como mostra o gráfico 1, o tratamento que foi visto como mais racional entre os 6 grupos foi da mulher controlada (2,9). Este também foi o que recebeu a melhor avaliação nos demais atributos, sendo vista também como a mais preparada (3), confiável (3,2) e equilibrada (3,2).

Tabela 8: Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Racional/ Emotivo”

Tratamento	Grupo 1	Grupo 2
Mulher Controlada	2.9	
Homem Controlado	3.2	
Mulher Descontrolada		4.2
Mulher Emocionada		4.5
Homem Emocionado		4.6
Homem Descontrolado		4.8
<b>Valor-p</b>	<b>.850</b>	<b>.288</b>

O teste Tukey comprova que para escala “preparada vs. despreparada”, apenas o homem descontrolado teve média estatisticamente diferente. O mesmo acontece na escala “confiável vs. não confiável”. Sendo que quanto mais próximo de 1, o (a) senador (a) foi considerado (a) mais preparado (a) e mais próximo de 7 mais despreparado (a).

Gráfico 2: Médias dos grupos para a escala Preparado (vs. Despreparado)



**Fonte:** Elaborado pela autora com as médias dos grupos Controle, Teste Emocional e Teste Descontrole, para escala preparado/despreparado.

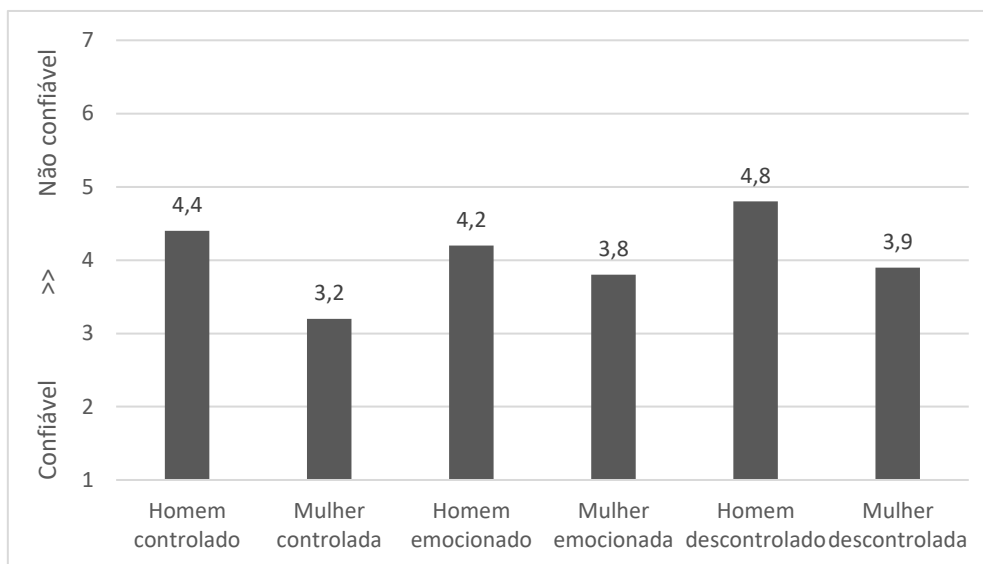
Tabela 9: Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Preparado/Despreparado”

Tratamento	Grupo 1	Grupo 2
Mulher Controlada	3.0	
Mulher Descontrolada	3.2	
Mulher Emocionada	3.4	
Homem Emocionado	3.4	
Homem Controlado	3.5	
Homem Descontrolado		4.7
<b>Valor-p</b>	<b>.631</b>	<b>1.000</b>

Para o quesito “confiável x não confiável” há um primeiro conjunto de médias que considerou como mais confiável os grupos mulher controlada, mulher emocionada e mulher descontrolada. Um segundo conjunto de médias intermediárias foi formado pelos grupos mulher emocionada, mulher descontrolada, homem emocionado e homem controlado. Por estarem em um mesmo conjunto não dá para descartar que as médias de um mesmo conjunto possam ser iguais. Um terceiro conjunto de médias mais altas se destacou dos demais, ou seja, foram considerados como não confiáveis os grupos homem emocionado, homem controlado e homem descontrolado. Como mostra a tabela 10.

Este resultado revela que independentemente da demonstração de emoção, a mulher, que se manteve no primeiro conjunto, é vista como mais confiável do que os homens, que se mantiveram nos segundo e terceiro conjunto.

Gráfico 3: Médias dos grupos para a escala Confiável (vs. Não confiável)



**Fonte:** Elaborado pela autora com as médias dos grupos Controle, Teste Emocional e Teste Descontrole, para escala confiável/não confiável.

Tabela 10: Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Confiável/ Não Confiável”

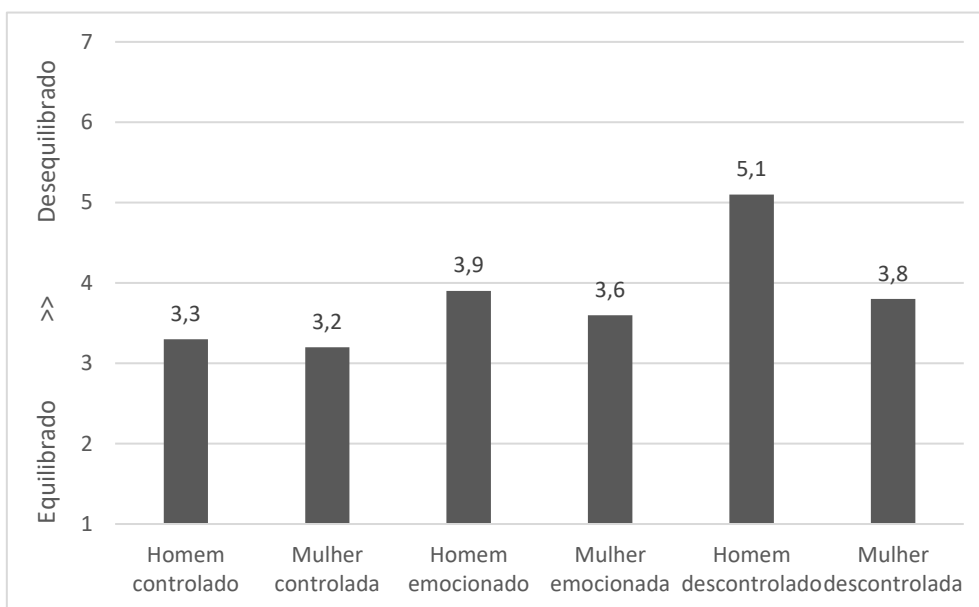
Tratamento	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Mulher Controlada	3.2		
Mulher Emocionada	3.8	3.8	
Mulher Descontrolada	3.9	3.9	
Homem Emocionado		4.2	4.2
Homem Controlado		4.4	4.4
Homem Descontrolado			4.8
<b>Valor-p</b>	<b>.263</b>	<b>.248</b>	<b>.287</b>

Na escala “equilibrado vs. desequilibrado”, o senador descontrolado teve a maior média e foi percebido como o mais desequilibrado. A média para este tratamento apresentou uma diferença de 1,9 em relação à menor média que foi da senadora controlada (média 3,2). A diferença do senador descontrolado para a senadora descontrolada também



foi significativa, ou seja, a mulher que apresentou comportamento de descontrole emocional ainda foi vista como mais equilibrada que o homem na mesma situação.

Gráfico 4: Médias dos grupos para a escala Equilibrado (vs. Desequilibrado)



**Fonte:** Elaborado pela autora com as médias dos grupos Controle, Teste Emocional e Teste Descontrole, para escala equilibrado/desequilibrado.

A tabela 11 revela que apenas o senador descontrolado teve média significativamente diferente na escala “equilibrado vs. desequilibrado”, permanecendo em um grupo separado dos demais tratamentos no Teste Tukey.

Tabela 11: Teste Tukey que cruza os tratamentos e a escala “Equilibrado/ Desequilibrado

Tratamento	Grupo 1	Grupo 2
Mulher Controlada	3.2	
Homem Controlado	3.3	
Mulher Emocionada	3.6	
Mulher Descontrolada	3.8	
Homem Emocionado	3.9	
Homem Descontrolado		5.1
<b>Valor-p</b>	<b>.195</b>	<b>1.000</b>

É importante destacar que a mulher teve melhor desempenho do que o homem em todas as escalas, mesmo que a diferença estatística seja pouco relevante em alguns casos. Com as três variações de estado emocional, a mulher, diferente do que era esperado, foi melhor avaliada do que o homem nas características percebidas. Isso mostra que o homem foi mais penalizado ao demonstrar comportamento emotivo e de descontrole. E mesmo na versão controle, a mulher esteve à frente.

Outra questão que esta pesquisa procurou responder foi se a variação do comportamento emocional, do senador e da senadora, pode gerar diferentes percepções sobre as possibilidades de o congressista contribuir de forma mais positiva ou negativa para as reformas do Senado.

Na Reforma da Previdência, independentemente das três variações de emoção, a mulher teve melhor desempenho do que o homem. A senadora controlada foi percebida como quem melhor poderia contribuir para esta reforma, enquanto o senador descontrolado teve uma diferença de 1 ponto na média e foi visto como quem pior contribuiria. O senador controlado e emocionado poderia fazer uma boa reforma, mas não tão boa quanto a senadora controlada, emocionada e até que a descontrolada.

*Tabela 12: Teste Tukey com comparativo das médias dos tratamentos para Reforma da Previdência*

<b>Tratamento</b>	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>
Mulher Descontrolada	3,6	
Mulher Controlada	3,7	
Mulher Emocionada	3,8	
Homem Controlado	4,3	4,3
Homem Emocionado	4,4	4,4
Homem Descontrolado		4,7
<b>Valor-p</b>	<b>.169</b>	<b>.657</b>

Na Reforma Tributária, as médias se mantiveram próximas e apenas o senador descontrolado teve uma diferença de média estatisticamente significativa. Ou seja, apenas o homem descontrolado não conseguiria contribuir positivamente para esta reforma. Os demais tratamentos não apresentaram diferença de média significativa entre si.

*Tabela 13: Teste Tukey com comparativo médias dos tratamentos para Reforma Tributária*

<b>Tratamento</b>	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>
Mulher Descontrolada	3,4	
Mulher Controlada	3,7	
Mulher Emocionada	3,7	
Homem Emocionado	3,7	
Homem Controlado	3,8	
Homem Descontrolado		4,7
<b>Valor-p</b>	<b>.815</b>	<b>1.000</b>

Fariam uma boa Reforma Política a mulher controlada, emocionada e descontrolada, além do homem controlado. O homem emocionado também, mas não teria o melhor desempenho. O senador descontrolado não faria uma boa reforma, com diferença de 0,9 para menor média (senadora controlada).

*Tabela 14: Teste Tukey com comparativo médias dos tratamentos para Reforma Política*

<b>Tratamento</b>	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>
Mulher Descontrolada	3,5	
Homem Controlado	3,7	
Mulher Emocionada	3,8	3,8
Mulher Controlada	3,8	3,8
Homem Emocionado	4,1	4,1
Homem Descontrolado		4,7
<b>Valor-p</b>	<b>.290</b>	<b>.064</b>

Para a reforma Trabalhista, não houve nenhuma diferença de média estatisticamente significativa. Assim, não se pode afirmar que algum tratamento tenha sido penalizado ou percebido de forma diferenciada dos demais grupos.

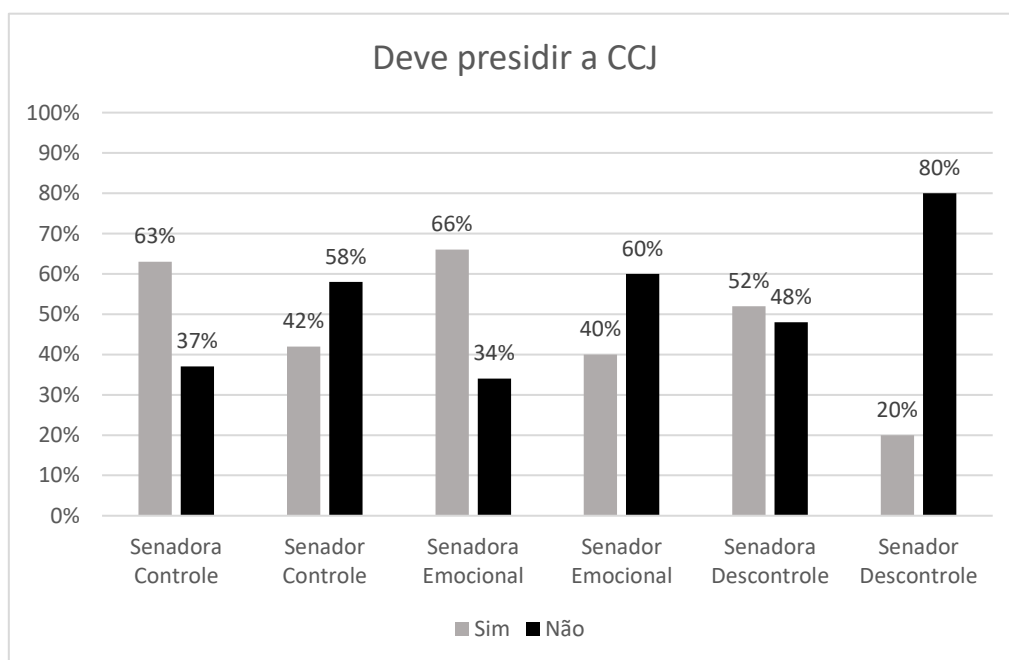
Tabela 15: Teste Tukey com comparativo médias dos tratamentos para Reforma Trabalhista

Tratamento	Grupo 1
Mulher Descontrolada	3,7
Mulher Emocionada	3,8
Mulher Controlada	4,0
Homem Emocionado	4,3
Homem Controlado	4,4
Homem Descontrolado	4,5
Valor-p	.101

Em relação à questão que perguntou se o(a) senador(a) deve se tornar presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado, os dados encontrados são interessantes. Após a leitura das notícias, pode-se observar que a senadora emocional foi vista em maior medida como a pessoa mais adequada para o cargo, atingindo taxa de aprovação de 66% dentro do grupo e resíduo padronizado de 2.3. Enquanto o senador controlado foi o maior penalizado, tendo taxa de reprovação de 80% entre os respondentes desse grupo e resíduo de 2,9.

Importante observar que novamente o desempenho das mulheres foi superior ao dos homens nos três estados emocionais.

Gráfico 5: Porcentagem de aprovação para a presidência da CCJ



**Fonte:** gráfico elaborado pela autora com respostas da questão que avaliou se o senador e a senadora deveriam se tornar presidente da CCJ.

*Tabela 16: Teste qui quadrado e médias dos tratamentos para a aprovação do(a) senador(a) para a CCJ.*

Tratamento		Não	Sim	Total
Homem Controlado	Contagem	27	19	46
	Resíduo estandarizado	.5	-.6	
Mulher Controlada	Contagem	19	32	51
	Resíduo estandarizado	-1.5	1.6	
Homem Descontrolado	Contagem	48	12	60
	Resíduo estandarizado	2.9	-3.1	
Mulher Descontrolado	Contagem	25	27	52
	Resíduo estandarizado	-.5	.5	
Homem Emocional	Contagem	37	24	61
	Resíduo estandarizado	8	-.9	
Mulher Emocional	Contagem	24	46	70
	Resíduo estandarizado	-2.1	2.3	
<b>Total</b>	<b>Contagem</b>	<b>180</b>	<b>160</b>	<b>340</b>
<b>Valor-p</b>		<b>.000</b>	<b>.000</b>	<b>.000</b>

Os estereótipos de gênero usados na narrativa jornalista e o comportamento emocional no meio político afetam lideranças femininas mais do que masculinas? O comportamento emotivo reforça uma visão estereotipada sobre mulheres? Essas foram algumas das perguntas que nortearam a pesquisa. A partir do estudo não há dados que confirme a primeira hipótese:

*H1: Mulheres são percebidas como naturalmente mais emocionais que os homens, mesmo sem expressar comportamento emotivo.*

Diferente do esperado, o tratamento “mulher controle” foi visto como mais racional (média 2,9) que o homem controlado (média 3,2). Ou seja, apenas a variação de gênero em um tratamento que não teve expressão de emoção foi capaz de gerar mudança de percepção.

Também é possível refutar a primeira hipótese que afirmava:

*H2: Mulheres são mais penalizadas do que homens ao demonstrar comportamento emocional na conduta política, sendo avaliadas como menos confiáveis, preparadas e equilibradas.*

Os dados encontrados neste estudo não confirmam essa hipótese. Ao contrário do que se esperava, uma senadora emotiva foi melhor avaliada pelo público para assumir a presidência da principal comissão do Senado Federal do Brasil, do que uma senadora controlada – sem expressão de emoção. É importante destacar que a senadora controlada teve médias melhores nas quatro características avaliadas (racionalidade, preparo, equilíbrio e confiabilidade) pelos respondentes do que o senador nos três estados emocionais. É certo que a mulher controlada ainda é preferível à mulher emocionada nos atributos de personalidade, pois a média para a “mulher controlada” foi melhor do que para a “mulher emocionada”, ainda que essa diferença de média seja estatisticamente pouco relevante em alguns casos.

Em relação à expectativa dos respondentes de contribuição nas reformas dos Senado por parte dos congressistas, as diferenças de médias entre senadora controle e emocional foi pouco relevante, de até 1 ponto na média. O que reafirma a ideia de que a expressão de comportamento emocionado e de choro não é completamente prejudicial no ambiente político.

Tanto na reforma da Previdência quanto Política e Tributária, o senador descontrolado teve média estatisticamente relevante e esteve em um conjunto de médias diferente da senadora descontrolada e dos demais tratamentos em todos os casos. Ou seja, na percepção dos respondentes a senadora descontrolada ainda pode contribuir para as reformas em algum grau, enquanto o senador descontrolado não.

Também buscou-se avaliar se a variação do grau de emoção, chegado ao descontrole emocional, gera maior penalização da mulher do que do homem. Para isso, foi proposta a seguinte hipótese:

*H3: Mulheres também são mais penalizadas do que homens ao apresentar comportamento desequilibrado emocionalmente.*

Novamente os dados encontrados mostram que ao contrário do que se esperava a mulher descontrolada não foi a mais penalizada e sim o homem descontrolado. O senador descontrolado é o mais castigado, tendo rejeição de 80% para o cargo de presidência da

CCJ. A variação de votos “sim” e “não” no grupo de mulher descontrolada foi menos expressiva (52% Sim contra 48% Não). O resultado pode sugerir que os respondentes foram mais permissivos em relação ao comportamento emocional apresentado pela senadora, o que não aconteceu com o senador descontrolado.

Em relação aos quatro atributos de personalidade percebidos pelos respondentes, o homem descontrolado teve a maior média entre os 6 grupos, nas quatro escalas analisadas. Sua média esteve mais aproximada do 7 (polo negativo) em todos os gráficos apresentados. O que significa que entre os tratamentos ele foi avaliado como o mais emotivo (4,8), despreparado (4,7), não-confiável (4,8) e desequilibrado (5,1), superando a média da mulher descontrolada.

Considerando estes dados, a primeira conclusão que se pode chegar é que o resultado encontrado neste estudo não vai ao encontro ao entendimento do senso comum sobre estereótipo de emotividade relacionado a gênero. A ideia de que mulheres que apresentam comportamento emotivo são percebidas como mais emotivas, fracas e menos aptas para assumir cargos de liderança parece não se aplicar aos resultados encontrados nesta pesquisa. Pode-se destacar que a presença de comportamento emotivo não parece ter prejudicado mais as mulheres do que os homens.

### 3. CONCLUSÃO

Em 2017, o Brasil ainda ocupa a 115<sup>a</sup> posição no ranking mundial de presença feminina no Parlamento dentre os 138 países analisados.<sup>4</sup> Pesquisas devem se debruçar sobre a questão e investigar as causas para a baixa participação feminina, além de possíveis consequências e o papel da mídia nisso. Segundo Brooks (2013), a participação da mulher na política é extremamente importante, pois mulheres com poder político capacitam outras mulheres de forma simbólica, apenas por preencherem seus cargos. A participação e o interesse político entre as mulheres aumentam significativamente quando representadas por outras mulheres. Assim, este estudo espera contribuir para esta questão, esclarecendo um pouco a relação e a forma como os brasileiros entendem a luta por igualdade de participação de gênero na política. Além de inspirar mulheres neste caminho, como forma de incentivo.

A partir do teste das três hipóteses que este trabalho se propôs a fazer, os resultados encontrados neste estudo não apresentaram os estereótipos de emoção relacionados a gênero, tradicionalmente encontrado no senso comum. A Teoria Descritiva do Viés dos Estereótipos sustenta que demonstrações de choro são mais atribuídas a mulheres e que candidatas que choram são vistas como mais fracas e mais emocionais que o homem. O mesmo parece não se aplicar fora do cenário eletivo. Um senador e uma senadora que demonstram comportamento de emoção, e até choro, foram avaliados de forma diferentes, mas não se pode dizer que mulheres foram mais penalizadas ou vistas como mais fracas que o homem. Ao contrário, uma senadora emotiva foi melhor avaliada pelo público para assumir a presidência da principal comissão do Senado Federal, do que uma senadora controlada – sem expressão de emoção.

Diferente do resultado encontrado por Marques (2016), os resultados desta pesquisa mostram que a mulher não é tida como menos racional (e mais emotiva) que o homem quando não demonstra comportamento emotivo. Ao contrário do que era esperado, o tratamento mulher controle foi visto como mais racional (média 2,9) que o homem controle (média 3,2). Ou seja, homens e mulheres são avaliados de formas

---

<sup>4</sup> Pesquisa feita pelo Projeto Mulheres Inspiradoras (PMI) com base no banco de dados primários do Banco Mundial (Bird) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Ver: <https://goo.gl/yCcaJA>



diferentes porque apenas a variação de gênero no grupo controle (que não teve expressão de emoção) foi capaz de gerar mudança de percepção dos atributos de personalidade e nas possibilidades de contribuição para as reformas como será detalhado. Ainda que essa diferença estatística seja pouco relevante.

Além deste atributo e conforme explorado na sessão anterior, é interessante destacar que a senadora controlada teve uma média melhor que o homem controlado em outros atributos, sendo vista como “mais preparada” e “mais confiável”.

A mulher do grupo emocional não foi prejudicada em relação a mulher controlada. Pelo contrário, ela foi a que teve melhor índice de aprovação para o cargo de presidente da CCJ, com 66% dos votos “sim” no seu grupo. Enquanto a senadora controlada teve 63% dos votos “sim”. Vale ressaltar aqui que ao longo do trabalho foi percebido para as mulheres uma baixa diferença de médias entre os grupos “controle”, “emocional” e “descontrole”, o que pode indicar que o público da pesquisa lida melhor com diferentes estados emocionais das mulheres. Conforme Barrett e Bliss-Moreau (2009) é possível que as pessoas acreditem que as mulheres são o sexo mais emocional porque eles estão tratando este comportamento como evidência de uma “natureza” emocional, ou seja, como pertencente a personalidade, e talvez por conta disso a mulher não tenha sido penalizada na mesma medida que o homem, quando variado o grau de demonstração de emoção. Outra possibilidade é que as notícias apresentadas tenham mostrado variações sutis entre os tratamentos “emocional” e o “descontrole”.

Vale destacar que nas reportagens o discurso do(a) senador(a) foi modificada para acompanhar a mudança de grau de emoção expressado. No tratamento “emotivo” a fala do(a) congressista pode ter contribuído para um melhor desempenho da senadora e do senador emotivo em relação ao controlado(a). Na matéria, a narrativa da fala, *“lutei toda a minha vida, enfrentei e venci um câncer e agora me sinto muito mais forte para contribuir com os desafios que o país enfrenta atualmente”*, pode ter gerado maior empatia uma vez que cita uma doença, um câncer vivido, fator que não está presente nos outros tratamentos. Ainda assim, não inviabilizou a análise da variável “gênero” – mais importante.

Assim como encontrado no estudo de Huddy e Terkildsen (1993) nos Estados Unidos, homens e mulheres quando descritos de forma mais dura (versão controle) foram vistos como mais racionais. No estudo dos autores, homens e mulheres descritos como

mais compassivo e confiável foram vistos como mais sensível, emocional e gentil, independente do gênero do candidato. Esta pesquisa mostra que as mulheres descritas de forma mais emocional também foram vistas como mais confiáveis.

Em relação ao descontrole emocional, era esperado como a segunda hipótese descreveu, que mulheres fossem mais penalizadas quando demonstrasse comportamento de descontrole emocional. O que os testes mostram, no entanto foi que o senador descontrolado foi o mais penalizado, e teve as piores médias para os atributos de personalidade e para a expectativa de atuação nas reformas. Em partes, esse dado vai ao encontro com a Teoria Prescritiva do Viés dos Estereótipos que defende que há uma expectativa de comportamento esperado para as pessoas, e há penalização quando as pessoas falham na expressão desse comportamento. É possível que o comportamento esperado para o homem no Senado Federal ainda seja o “tipicamente masculino”, ou mais racional.

Pode-se concluir por fim que as expectativas de que a mulher fosse mais penalizada do que os homens ao apresentar emoções, não se cumpriram. Isso mostra possibilidades futuras positivas e um cenário otimista quanto o poder de participação das mulheres.

Em relação às implicações dos resultados encontrados, vale destacar a importância deste estudo e de outros anteriores sobre gênero na política e no cenário eleitoral, para entender as diferentes sanções e penalidades para homens e mulheres.

Para futuras pesquisas também é importante registrar uma possível limitação do trabalho em não ter mensurado o nível de aproximação dos respondentes com as questões feminista. Os resultados encontrados mostraram uma vantagem da mulher em relação ao homem independente do estado emocional. Portanto é possível que os participantes desta pesquisa estejam mais próximos de uma agenda feminista do que o brasileiro mediano. Vale ressaltar também que esta pesquisa tem validade externa limitada, pois foi feita majoritariamente com jovens universitários cujo perfil não é representativo da população brasileira e, portanto, os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados. É um recorte do que pode ser uma mudança de visão do papel da mulher, principalmente os jovens - com alta participação de estudantes da UnB.



#### 4. BIBLIOGRAFIA

ALLPORT, Gordon Willard. **The nature of prejudice**. *Basic books*, 1979.

BARRETT, Lisa Feldman; BLISS-MOREAU, Eliza. **She's emotional. He's having a bad day: Attributional explanations for emotion stereotypes**. *Emotion*, v. 9, n. 5, p. 649, 2009.

BROOKS, Deborah Jordan. **Testing the double standard for candidate emotionality: Voter reactions to the tears and anger of male and female politicians**. *The Journal of Politics*, v. 73, n. 02, p. 597-615, 2011.

BROOKS, Deborah Jordan. **He runs, she runs: Why gender stereotypes do not harm women candidates**. *Princeton University Press*, 2013.

ECKEL, Catherine; GROSSMAN, Philip. **Are women less selfish than man? Evidence from dictator experiments**. *The Economic Journal*, p. 726-735, 1998.

GROSSMAN, Michele; WOOD, Wendy. **Sex differences in intensity of emotional experience: a social role interpretation**. *Journal of personality and social psychology*, v. 65, n. 5, p. 1010, 1993.

HUDDY, Leonie; TERKILDSEN, Nayda. **Gender stereotypes and the perception of male and female candidates**. *American Journal of Political Science*, p. 119-147, 1993.

LEITE, Ana Daniella; NEPOMUCENO, Margarete. **Dilma, a rainha louca: um estudo sobre gaslighting na revista IstoÉ**. Intercom.Caruaru, 2016.

LOPES, Paula. **“As expressões nervosas da presidente”**: estereótipos de gênero na **Revista Istoé e a repercussão com a hashtag #IstoÉMachismo**. Intercom. São Paulo, 2016.

MARQUES, Tanús Mariana. **Choro e Raiva: os efeitos da expressão de emoções e dos estereótipos de gênero em eleições**. Brasília. 2016

MATOSO, Filipe. **Dilma diz que emagreceu porque fechou a boca e fez ginástica**. Portal G1 Política. 2015.

PELLEGRINO, Antonia. Mídia Ninja. **'Ser dirigido por uma mulher ainda é uma novidade que incomoda e perturba a ordem supostamente natural da sociedade'**, diz

**Dilma.** Disponível em: . <<https://ninja.oximity.com/article/A-maior-prioridade-neste-momento-1>> Último acesso 20 de janeiro de 2017.

REVISTA ISTOÉ. **As explosões nervosas da presidente.** Ano 39. No 2417. Editora Três. Abril de 2016

ROMANI, Giovana. "**Dieta Ravenna: conheça o método que fez Dilma emagrecer 13 kg**". O Estado de São Paulo. 2015.

TERTO, Amauri. Brasil Post. **#IstoÉMachismo: Feministas repudiam capa da revista Istoé nas redes sociais.** Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2016/04/02/istoemachismo\\_n\\_9602632.html](http://www.brasilpost.com.br/2016/04/02/istoemachismo_n_9602632.html)>. Último acesso 20 de janeiro de 2017.

TIBURI, M. **Dilma, Janína e “gaslighting”.** Cult, São Paulo. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2016/04/dilma-janaina-e-gaslighting/>> Último acesso em 23 de janeiro de 2017.

Trucotte, Jason, and Newly Paul. “**A Case of More Is Less: The Role of Gender in U.S. Presidential Debates.**” *Political Research Quarterly*, vol. 68, no. 4, 2015, pp. 773–784. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/24637815](http://www.jstor.org/stable/24637815).

## 5. APÊNDICES

### 5.1 Questionário

O questionário abaixo foi apresentado para os respondentes, sendo que as flexões de gênero é a única diferença entre a versão apresentada para o grupo controle e os grupos testes.

- \* (1) Por favor, avalie a senadora de acordo com as características abaixo.

Comece dizendo se você acredita que ela é mais emotiva ou racional. Se você achar ela emotiva e racional com a mesma intensidade, marque o ponto 4.

Racional							Emotiva
1	2	3	4	5	6	7	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- \* (2) Agora diga se você acha a senadora preparada ou despreparada para o cargo.

Despreparada							Preparada
1	2	3	4	5	6	7	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- \* (3) Da mesma forma como nas questões anteriores, diga se você acha a senadora mais confiável ou desconfiável para ocupar o cargo.

Confiável							Não confiável
1	2	3	4	5	6	7	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- \* (4) Por fim diga se você acha a senadora mais equilibrada ou desequilibrada para ocupar o cargo

Desequilibrada							Equilibrada
1	2	3	4	5	6	7	
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- 5 Para cada uma das reformas citadas abaixo, indique se você acha que a senadora vai contribuir para a melhor ou a pior reforma possível:

	Melhor reforma possível	2	3	4	5	6	Pior reforma possível
	1						7
Reforma da Previdência: Muda regras de aposentadorias e pensões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reforma Tributária: Simplifica a forma como pagamos os impostos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reforma Política: Melhora o sistema eleitoral brasileiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reforma Trabalhista: Simplifica a contratação e demissão de empregados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\* (6) Você acha que a senadora deve se tornar presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado?

Sim

Não

\* (7) Você acredita que a senadora tem perfil para liderar outra comissão?

Sim, mas apenas em áreas relacionadas a Assuntos Econômicos e Defesa Nacional

Sim, mas apenas em áreas relacionadas a Assuntos Sociais e Direitos Humanos

Sim, qualquer comissão

Não, nenhuma comissão

Não sei dizer

\* (8) Qual seu gênero

Feminino

Masculino

Outro

\* (9) Na política, as pessoas falam muito de esquerda e de direita. Gostaria que você usasse a escala de ideologia abaixo para se autoposicionar.

Extrema esquerda    Esquerda    Centro-esquerda    Centro    Centro-direita    Direita    Extrema-direita

\* (10) Qual seu nível de interesse por política?

Muito  
interesse

1

2

3

4

5

6

Nenhum  
interesse

7



\* 11 Você mora em:

Capital

Interior

\* 12 Escolaridade

Nunca frequentou escola

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Pós-graduação ou mais

\* 13 Qual sua idade?

## 5.2 Tabela com média dos tratamentos para os atributos de personalidade analisados

### Racional vs. Emotivo

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	3,2
Homem Emocionado	61	4,6
Homem Descontrolado	60	4,8
Mulher Controlada	51	2,9
Mulher Emocionada	70	4,5
Mulher Descontrolada	52	4,2
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>4,1</b>

### Preparado vs. Despreparado

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	3,5
Homem Emocionado	61	3,4
Homem Descontrolado	60	4,7
Mulher Controlada	51	3,0
Mulher Emocionada	70	3,4
Mulher Descontrolada	52	3,2
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>3,6</b>

### Confiável vs. Não confiável

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	4,4
Homem Emocionado	61	4,2
Homem Descontrolado	60	4,8
Mulher Controlada	51	3,2
Mulher Emocionada	70	3,8
Mulher Descontrolada	52	3,9
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>4,0</b>

### Equilibrado vs. Desequilibrado

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	3,3
Homem Emocionado	61	3,9
Homem Descontrolado	60	5,1
Mulher Controlada	51	3,2
Mulher Emocionada	70	3,6
Mulher Descontrolada	52	3,8
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>3,9</b>

### 5.3 Tabela com médias dos tratamentos para as reformas no Senado

#### Reforma da Previdência

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	4,3
Homem Emocionado	61	4,4
Homem Descontrolado	60	4,7
Mulher Controlada	51	3,7
Mulher Emocionada	70	3,8
Mulher Descontrolada	52	3,6
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>4,1</b>

#### Reforma Tributária

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	3,8
Homem Emocionado	61	3,7
Homem Descontrolado	60	4,7
Mulher Controlada	51	3,7
Mulher Emocionada	70	3,7
Mulher Descontrolada	52	3,4
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>3,8</b>

#### Reforma Política

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	3,7
Homem Emocionado	61	4,1
Homem Descontrolado	60	4,7
Mulher Controlada	51	3,8
Mulher Emocionada	70	3,8
Mulher Descontrolada	52	3,5
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>4,0</b>

#### Reforma Trabalhista

<b>Tratamento</b>	<b>Contagem</b>	<b>Média</b>
Homem Controlado	46	4,4
Homem Emocionado	61	4,3
Homem Descontrolado	60	4,5
Mulher Controlada	51	4,0
Mulher Emocionada	70	3,8
Mulher Descontrolada	52	3,7
<b>Total</b>	<b>340</b>	<b>4,1</b>